

BEM-TE-VI BRASILIA

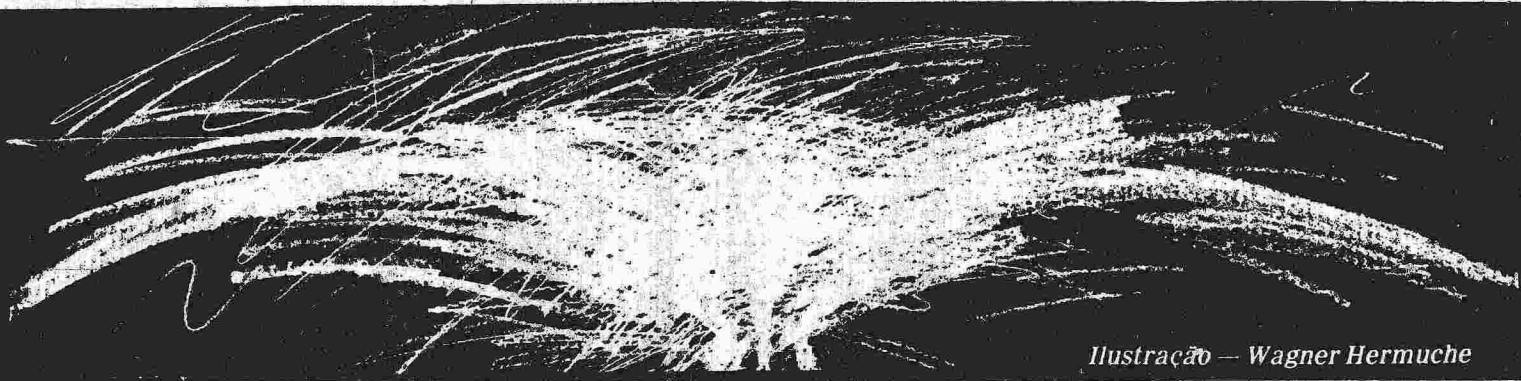
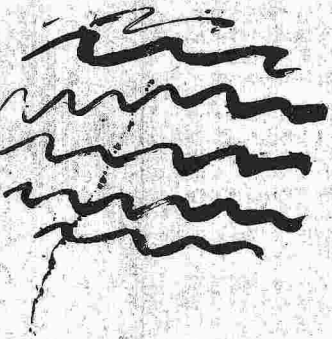
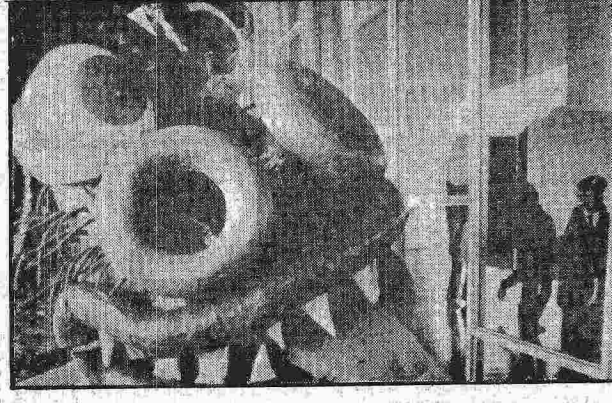
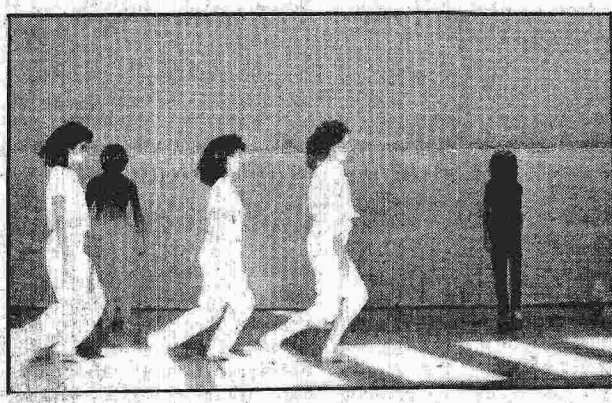


Ilustração — Wagner Hermuche

"Numa tarde quente vou embora de Brasília num submarino do lago Paranoá. Quero ser estrela lá no Rio de Janeiro, namorando o mar."
(Oswaldo Montenegro)



"A cidade quer que eu fique, a cidade quer meu pique. A cidade quer que fique louco, sozinho, andando sempre o mesmo caminho. A cidade quer que eu pise, a cidade quer que eu ôôô..."
(Renato Matos)



Sem verba equipe Bem-te-vi divide-se

A Equipe Bem-te-vi dividiu-se. Assim, aqueles que continuaram, resolveram não mais fazer o programa de Tv que vinha sendo preparado e deveria estreiar neste final de mês na Tv Brasília. A desistência deve-se ao fato de se ter investido na formação da equipe assim como em cenários e figurinos de atores, que depois de criarem seus personagens e serem gravados para abertura e vinhetas do programa, optaram por sair do trabalho.

Sem verba para recomendar o processo a equipe Bem-te-vi irá dedicar-se, no momento, a veicular o material que produziu sobre Brasília nesses 2 últimos anos.

Trata-se de 43 horas em VT que correspondem às séries de Tv "Sob o Céu de Brasília" e "Os Pioneiros", além das 8 horas recentemente gravadas para a Tv Bem-te-vi. As verbas estão cada dia mais escassas para as necessidades básicas entre elas arte e cultura.

Mesmo assim, vamos tentar recursos de outros lugares. É um momento interessante. Vamos à Luta. Aguardem notícias.

Tânia Quaresma

Além da verba da Fundação Cultural do D.F., a Cultura e as Artes locais praticamente não contam com mais nenhuma fonte de recursos.

A iniciativa privada, segundo o presidente da Associação Comercial, Lindberg Aziz Cury, está impossibilitada para investir no patrocínio das Artes e da Cultura do D.F., "porque boa parte das empresas de Brasília está fechando no vermelho". Lindberg esclareceu que a maioria do empresariado concorda sobre a importância de patrocinar a cultura, "mas na hora de entrar com o dinheiro disse ele - aparecem as dificuldades".

Contudo, a escassez dos recursos, provocada pela crise econômica, não é a única responsável pelas lacunas no que se refere ao patrocínio à cultura em Brasília.

Para começar, a primeira constatação é a de que existe um clima de insatisfação generalizada entre os artistas em relação aos patrocinadores e aos próprios critérios usados pela FCDF.

"Na verdade, quem patrocina a cultura somos nós mesmos", (Fernando Villar, autor e diretor da peça "Vidas Erradas").

"Quando o Ruy Pereira estava na FCDF não tinha dinheiro pra nós; só veio aparecer algum por agora", (Theodoro, do Bumba-Meu-Boi de Sobradinho).

"O grosso da verba que a gente usa vem das promoções como festas especiais, ensaios da escola etc, e tudo a preços baixos, porque quem frequenta não tem condições de pagar mais", (Roberto Machado, colaborador da Escola de Samba do Cruzeiro - ARUC).

"Patrocínio de arte mesmo não tem ninguém fazendo. A Fundação Cultural só incentiva, só patrocina as óperas e grandes shows para as elites", (J. Pingo, ator e diretor de teatro).

"Ninguém, na verdade, patrocina a cultura da cidade", (João Antonio, ator e diretor de teatro).

"Quem patrocina a arte de Brasília são os próprios artistas, dando um jeitinho", (Wilson Moraes, assessor cultural do Sindicato dos Bancários).

"A Fundação Cultural sempre promete e não cumpre. Agora é que ela tá começando a chegar", (José Fernandez Dias, animador cultural do Teatro Rolla Pedra - Taguatinga).

"Em linhas gerais, o que eu sinto é que o comércio não confia nos artistas da cidade", (Reco do Pandolfin, músico e líder do "Trio Elétrico Massa Real").

Os responsáveis pelo espaço dedicado à Cultura nos três jornais locais, não têm opiniões mais animadoras:

"Ninguém patrocina. A Fundação Cultural faz alguma coisa mas ao modo dela", (Paulo Pestana, do CB).

"Ninguém patrocina a Cultura em Brasília. Aqui, a Cultura é um filho sem mãe. Cultura em Brasília sempre esteve ligada aos interesses políticos imediatistas", (Ary Pararayos além de editor da U.H Brasília e ator e diretor de teatro).

"A fundação Cultural está sozinha, sem a concorrência da iniciativa privada. Eu garanto que seu presidente não tem tempo para assistir a outras coisas senão as grandes montagens, óperas, orquestras...", (Mona Saback, do JBR).

"Na área oficial, a Fundação Cultural é quem tem a maioria dos espaços físicos da cidade, mas ela não dinamiza as artes e a Cultura candangas como deveria", (Maria do Rosário Caetano, jornalista e crítica de arte do CB e da TV Globo/DF).

A PALAVRA DA FUNDAÇÃO

Apesar de não considerar muito bom relacionar-se cultura com geografia, o presidente da Fundação Cultural, Carlos Fernando Mathias, esclarece que, de um total de Cr\$ 3 bilhões 549 milhões, que é o orçamento da F.C.D.F. para este ano, cerca de 1/3, ou seja, Cr\$ 1 bilhão 158 milhões serão aplicados em atividades locais. O restante servirá para cobrir despesas de manutenção da Fundação, tais como limpeza, pagamento de pessoal, luz e telefone.

Carlos Mathias é de opinião que, enquanto capital do País, Brasília também precisa mostrar aquilo que se produz em outras cidades e no exterior. Para ele, um dos fatores mais importantes a ser levado em conta, em matéria de produção cultural, "é precisamente o da qualidade, que tem de ser exigida, seja o produto cultural de onde for".

Neste sentido, o presidente da FCDF disse que em Brasília tem-se feito excelentes produções,

que tem contado com grande apoio de público, como por exemplo, os espetáculos, "Pedacinho do Céu", em homenagem a Waldyr Azevedo, "Veja Você Brasília", de Oswaldo Montenegro, "Vidas Erradas", o "Gema do Ovo da Ema", "Mandrágora", "O Guarani", O Coral de seis mil vozes, no penúltimo domingo, assistido por quase 30 mil pessoas, entre outros.

Mas existe o outro lado da cultura de Brasília que é ressaltada por Carlos Mathias, quando ele se refere a um divórcio de público com alguns tipos de produção:

— Acaba de se realizar, com apoio da Fundação Cultural, mostra de teatro local, que em onze espetáculos não contou senão com um total de público de 1.047 pessoas. Vale dizer, muito menos que uma sessão do espetáculo "Mi Buenos Aires Querido", ou Xandu Quaresma". E desses 1.047 espectadores, 365 foram assistir ao citado "Vidas Erradas", 182, a Mandragora e 154, a "Incrível Via-

Rosário também chama a atenção para o fato de que empresas como o Jumbo, Carrefour, Sears etc, alegando que suas matrizes estão no Rio e em São Paulo, se absterem de dar qualquer contribuição, patrocinando a cultura do DF.

COMO SAIR DESTA?

O presidente da Fundação Cultural preferiu não opinar sobre quais os caminhos que poderão ser tomados para superar as dificuldades que constroem o desenvolvimento cultural do DF, ou, conforme a pergunta que lhe enviamos, "para melhorar o nível da cultura local": — "Enquanto Diretor da Fundação Cultural, represento uma parcela da Administração Pública, portanto do Estado. E, assim sendo, nada tenho a sugerir. O papel do Estado é outro, qual seja: amparar a Cultura, como manda a Constituição".

Juntamente com a ausência de uma linguagem

Quem patrocina arte e cultura em Brasília?

gem". Os demais espetáculos tiveram o restante do público.

Temos de nos debruçar sobre isto - sugere o presidente da Fundação - todos os que têm responsabilidade no fazer cultural em Brasília. Mas ele também ressaltava que há produções de outros centros que "não tiraram para o café aqui em Brasília". Segundo Mathias o problema não é só de qualidade, é mais complexo.

O importante, de fato, é que Brasília já é um centro cultural com espaços funcionando bem, inclusive com boa produção local.

FALTA MUITO

Esta última afirmação de Carlos Mathias não é partilhada pela maioria dos artistas e jornalistas entrevistados. Paulo Pestana, por exemplo, observa que "a Fundação é uma realizadora, mas não uma produtora, na medida em que ela não tem a preocupação de selecionar os eventos que patrocina a nível local. Em uma cidade como Brasília, Paulo Pestana acredita que a Fundação deveria agir com mais rigor seletivo.

Mona Saback, editora do Jornal de Brasília, também aponta a ausência de critério da Fundação, como fator negativo para a Cultura local. "A Fundação - disse Mona recebe a pauta de um espetáculo e o currículo de um artista e acaba liberando o espaço sem se preocupar com a qualidade do produto. Esta atitude, para Mona Saback, é prejudicial. "Por causa dela os que são bons e os que não são terminam nivelados por baixo, e o resultado disso é que a cidade acaba não dando chance nem pro bom nem para o ruim".

Ary Pararayos responsabiliza a Fundação não por ela eximir-se de um critério seletivo, mas por considerá-la uma instituição que foi criada para fazer programação de lazer para embaixadores e generais. "Nada que tem apelo popular funciona em Brasília - diz Ary - mas quando se trata de cuidar dos interesses da elite, a própria fundação batalha o patrocínio".

Neste sentido, Maria do Rosário Caetano critica patrocinadores em potencial como o BRB, que segundo ela tem condições de apoiar a produção da Cultura local e não o faz.

— A Fernanda Montenegro quando vem a Brasília tinha que ser patrocinada pelo BANERJ e não pelo BRB.

compatível com o nível da arquitetura da cidade o que falta aos artistas em Brasília - afirma Ary Pararayos são eles entenderem que nossa única possibilidade está na união, pois enquanto permaneceremos isolados uns dos outros, fica difícil acontecer alguma mudança.

Porém, a maior responsabilidade pelos dificuldades no campo da Cultura em Brasília fica creditada à falta de meios para a comunidade se expressar. "Enquanto a cidade não virar cidade, isto é, não tiver uma representação política - diz Paulo Pestana, vamos continuar sem uma Cultura assim como Brasília ainda não tem seu futebol.

Este também é o ponto de vista de Monassaback que atribuiu principalmente a crise política e financeira do País, as limitações ao patrocínio da Cultura local. Para ela, Brasília possui o agravante de ser a capital do Brasil, o que implica em tornar-se uma cidade muito mais vigiada do que as demais. Isto segundo Mona, significa que a comunidade se expressa com mais cuidado, com pouca espontaneidade.

Wagner Hermuche, que mês passado deixou Brasília, onde morava desde a fundação da cidade, disse que as dificuldades para quem vive da arte e da cultura, como ele que é artista plástico, são inevitáveis, enquanto não ocorrem mudanças políticas "e na própria ideologia das pessoas".

O PROCESSO

Já houve momentos de alta e de baixa registros no processo cultural de Brasília. Logo em seguida à inauguração da cidade, quando foi criada a Universidade de Brasília, a nova capital esteve a ponto de se tornar um dos mais importantes centros culturais do País.

Isto se deu num momento em que praticamente em todos os departamentos da UnB haviam nomes os mais expressivos da Cultura brasileira contemporânea. Paulo Emilio Sales Gomes e Neja Claud Bernadet juntamente com Nelson Pereira dos Santos eram professores no Departamento de Cinema; na Física havia César Iates; Rogério Duprat dava aula de Música e o próprio Niemeyer ensinava na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Como tudo em Brasília sua Cultura está à sombra do Poder. Também é bom lembrar que esta cidade carrega dentro dela vozes e desejos de todo o País, e como ninguém seus artistas poderão expressá-los.

PROJETO BEM-TE-VI, APOIO

CABECAS — Centro Brasíliaense de Arte e Cultura	Parque Nacional de Brasília
Fundação Nacional Pro-Memória	Banco do Brasil
AGRADECIMENTOS	COLABORAÇÃO
Fundação Cultural do DF	Cine Foto GB
Corpo de Bombeiros do DF	Tintas Ypiranga
Especialmente Ten. Eraldo	Só Frango
GARVEY PARK HOTEL	SOBEBE — Sociedade de Bebidas Brasíliaense
SHARP	Mercado dos Tapetes
CORREIO BRAZILIENSE	VENNUS MALHARIA
Equipe Bem-Te-Vi	Geralda Magela, Flavio, Gerardo Magela
Coordenação-Geral: Tânia Quaresma	Direção Musical: Fernando Corbal
Edição desta página: Jorge Frederico	Coreógrafo: Luiz Mendonça
Diagramação: Leonidas	Correspondente no Rio: Francisco Miranda
Imagens: Alexandre Quaresma	Mascote: Mareel
Equipe de produção: Ana Evelin	

